Dia 22 — São Flaviano, Mártir

Martirológio Romano

O triunfo de trinta santos mártires, em Roma, na via Labicana, entre os dois Loureiros; os quais alcançaram todos num mesmo dia a coroa do martírio na perseguição de Diocleciano (pelos anos de 303).

São Flaviano, também em Roma, que havia sido prefeito da cidade; o qual, no tempo de Juliano, o Apóstata, por confessar a Jesus Cristo, foi, como escravo, marcado a fogo e desterrado a Acquapendente, onde, estando em oração, entregou sua alma ao Criador. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Demétrio, Honorato e Floro, em Óstia.

São Isoviano ou Isotiano, mártir, em Alexandria; ao qual, porque não fazia caso dos improperios e ameaças com que era compelido a sacrificar aos ídolos, atravessaram as entranhas com uma vara muito aguda, e assim expirou.

Os santos Quéremon, mártir, bispo de Nicópolis, e outros muitos mártires, no Egito; dos quais, estando em sua fúria a perseguição de Décio, fugiram alguns às selvas e aos páramos e ali foram devorados pelas feras; outros morreram de fome, de frio e miséria; a outros assassinaram os bárbaros e os ladrões, e assim alcançaram todos a coroa do martírio.

São Zenão, soldado, em Nicomédia; o qual, porque zombou do sacrifício que oferecia o imperador Diocleciano a Ceres, quebraram-lhe as faces e arrancaram-lhe os dentes e finalmente o degolaram.

São Flaviano, Mártir

Poucas famílias se acharão mais ilustres que a de São Flaviano, não só pelo resplendor de seu nascimento e pela dignidade de seus empregos, mas mais particularmente por haver sido pai de duas ilustres virgens mártires, Santa Bibiana e Santa Demétria, e marido de Santa Dafrosa, que deu sua vida pela fé, e por haver ele mesmo ilustrado sua santa família com o resplendor de sua

virtude e com a glória do martírio.

Não se sabe coisa alguma em particular de seus antepassados nem de sua meninice. Só se sabe que era de uma família antiga de Roma, muito distinguida por sua qualidade e pelos primeiros empregos da magistratura, e ainda mais por seu inviolável afeto ao Cristianismo, de que sua casa fazia pública profissão havia muito tempo. Deixa-se ver claramente que nosso Santo havia tido uma educação cristã e que sua exemplar piedade, junta a uma tão bem fundada reputação da mais exata probidade e a uma prudência pouco comum, o fez conhecer e estimar dos imperadores cristãos: mereceu-lhes a amizade e moveu-os a honrá-lo com a primeira magistratura do império. Foi prefeito de Roma, dignidade que era uma das primeiras do império romano e que exerceu a satisfação dos imperadores e de toda a cidade.

Mas quem cumpria tão bem todas as obrigações de sua dignidade não esquecia as da Religião. A santidade de sua mulher e de suas filhas são o menor elogio da santa educação que lhes deu e dão bastante a conhecer os grandes exemplos de piedade que dava a sua família. Seu zelo pela Religião o fazia aproveitar-se de todas as ocasiões que se apresentavam de estendê-la e de fazer ainda mais ilustre do que era o nome cristão. Sua caridade para com os pobres desvalidos fazia que o olhassem como o pai dos pobres. Havia poucos que não acudissem a Flaviano em suas necessidades e nenhum que não achasse alívio em suas misérias. Pode-se dizer que a pureza de seus costumes e a santidade de sua vida faziam honra à Religião. Mostrou em toda ocasião que era servo de Jesus Cristo e que seu maior desejo era que fosse conhecido e adorado de todo o mundo.

Tendo chegado a ser imperador do Oriente o imperador Constâncio, filho do grande Constantino, teve a desgraça de fazer-se ariano pelas porfiadas instâncias de sua mulher Eusébia: perseguiu a Igreja com furor, desterrou a maior parte dos bispos católicos e sobretudo o grande Santo Atanásio. Tendo sido morto Constante, seu irmão, pelo tirano Magnêncio no ano 350, veio Constâncio a ser dono dos impérios. Então, não tendo já a quem contemplar, formou a resolução de fazer ariano todo o império, perseguindo com todo rigor os Católicos. São Flaviano era demasiado ilustre e seu zelo pela religião católica sobressaía demasiado para não ser compreendido na perseguição. No princípio não se omitiu diligência alguma para ganhá-lo e seduzi-lo: promessas, lisonjas, ameaças, de tudo se lançou mão para derrubar sua fé; mas nenhuma coisa foi capaz nem sequer de fazê-la titubear e vacilar. De invencível defensor da divindade de Jesus Cristo veio muito logo a ser seu pregador e seu apóstolo. Longe de temer as ameaças do Imperador ariano, foi um dos generosos confessores da divindade de Jesus Cristo que mais confirmou os fiéis na fé. Sua constância o fez odioso à corte: tirou-se-lhe seu emprego, e teve o indizível gozo de ver-se obrigado a viver uma vida pobre e privada por defender a honra de Jesus Cristo.

Uma confissão tão generosa não esteve muito tempo sem recompensa. Tendo morrido o Imperador ariano em Mopsuéstia, na Cilícia, no ano 361, o ímpio Juliano, chamado o Apóstata, que havia sido criado César no ano 355, viu-se só dono do império. Seus primeiros cuidados foram declarar uma guerra aberta a Jesus Cristo e tomar suas medidas para exterminar o Cristianismo, se pudesse, em todo o império. Sua cega paixão ao paganismo o fez renovar todas as perseguições dos imperadores pagãos contra os Cristãos. Em todas as partes não se ouvia outra coisa que publicar

editos terríveis contra a religião de Jesus Cristo; não se via outra coisa em todos os povos senão forcas, cadafalsos, eculeos ou cavaletes e torturas. Todos os templos dos deuses se abriram, restabeleceram-se seus ímpios sacrifícios, enquanto aos Cristãos se lhes proibia todo culto do verdadeiro Deus, todo exercício da religião cristã. Ressuscitados, por dizê-lo assim, os idólatras pela impiedade deste Imperador apóstata, declararam em todo o mundo guerra aos fiéis. Poucas perseguições houve em que a crueldade fosse levada mais longe e a desolação fosse mais universal; mas em nenhuma parte fez tantos destroços como em Roma, e com quem mais se assinalou foi com as gentes de qualidade. Viram-se famílias opulentas reduzidas pela fé à última miséria e gentes da primeira classe tratadas com a maior ignomínia e indignidade.

Bem conheceu São Flaviano que não seria perdoado desta tempestade; mas, seja que no princípio respeitassem seu nome, sua idade e seus serviços, a primeira borrasca pareceu perdoar-lhe. O Santo serviu-se de sua liberdade para aliviar e socorrer os que a haviam perdido; ia de casa em casa consolando os fiéis e metendo-se até nos subterrâneos onde o temor os havia juntado. Via-se-o nas prisões exortar os generosos confessores e subir ele mesmo sobre os cadafalsos para fortalecê-los e alentá-los ao martírio. A todos se estendia seu zelo e sua caridade: consolava uns, animava outros e fazia bem a todos.

Um zelo tão puro e tão ativo e uma caridade tão religiosa não foram tolerados muito tempo pelos perseguidores. Avisaram ao Imperador que Flaviano, antigo prefeito, conservava a fé dos Cristãos contra os editos que ele mesmo havia publicado e que fazia inúteis todos os artifícios dos idólatras. Irritado o Imperador contra este digno servo de Jesus Cristo, mandou a Aproniano, sucessor de Flaviano no emprego de prefeito, que, sem ter respeito a sua qualidade, a sua idade nem aos serviços que havia feito ao Estado, o mandasse prender e o obrigasse ou a renunciar sua Religião ou a acabar a vida nos tormentos.

Aproniano, homem cruel e bárbaro, executou logo a ordem do Imperador. São Flaviano foi preso, carregado de ferros e encerrado num escuro calabouço. Este ex-Prefeito, tão respeitável por seus empregos e por seu próprio mérito, foi interrogado pelo Juiz; ao que respondeu com um ar determinado e com um tom que deu a conhecer claramente ao Juiz que sua fé era à toda prova: que era cristão e que esta era a única qualidade de que se prezava; que estava pronto não só a sacrificar todos os seus bens, mas também a vida por sua Religião; que se teria por sumamente ditoso se Deus se dignasse aceitar seu sacrifício. Quanto mais o instava Aproniano, umas vezes com promessas, outras com ameaças, a conformar-se com a vontade e ordens do Imperador, tanto mais constante se mostrava nosso Santo. Querendo o Juiz ímpio dar gosto ao Imperador, deu ordem para que Flaviano fosse degradado de sua nobreza e de todas as insígnias de sua dignidade e fosse tratado como o mais vil escravo.

Um dos suplícios mais ignominiosos entre os romanos era ser marcados na fronte com um ferro feito brasa, como se praticava com os mais infames facínoras; e este suplício tão infamatório se lhe fez sofrer a este venerável ex-Prefeito. Foi, pois, marcado na fronte; e ainda que o tormento era doloroso e muito sensível para um homem de bem, São Flaviano o sofria com alegria e recebeu esta afronta como a maior honra que havia recebido em toda a sua vida. Não parou nisto Aproniano: teria desejado fazer-lhe perder a vida num cadafalso; mas sabendo que nosso Santo era universalmente amado e estimado em Roma, temeu uma sedição; e assim contentou-se em

condená-lo a um desterro perpétuo, confiscando-lhe todos os bens, sem deixar-lhe nem sequer o preciso para viver: foi, pois, desterrado ao lugar chamado Aquæ Tauri, que no presente se chama Acquapendente, com ordem às guardas de usar com ele todos os maus-tratos imagináveis para fazê-lo morrer de pura miséria.

O desterro por Jesus Cristo cumulou de gozo nosso Santo, prevendo logo que era o caminho para chegar à glória do martírio. Ainda que deixava uma mulher sem amparo e duas filhas jovens expostas à perseguição de um Juiz ímpio, abandonou-as com valor aos cuidados da Providência divina e não duvidou de que seu suplício lhes alcançaria do céu todos os auxílios e bênçãos necessárias para permanecer constantes na fé, como o sucesso o fez ver muito logo nestas duas ilustres Mártires.

Sua permanência no lugar de seu desterro não foi longa, mas foi santa. Sofreu tudo o que a dureza do Juiz e a crueldade dos pagãos puderam inventar para fazer-lhe penosa e desagradável sua habitação. Sua maior, ou por melhor dizer sua única ocupação foi a oração: passava nela dia e noite; e neste exercício o coroou Deus com a glória e o mérito do martírio. Como morreu das misérias que padeceu em seu desterro, foi olhado na Igreja como um glorioso mártir de Jesus Cristo; assim como outros muitos que não perderam a vida com o ferro nem com o fogo, os quais não deixam por isso de ser honrados como Mártires na Igreja.

São Demétrio, Mártir

São Demétrio, conhecido na Igreja grega com o título de Grande Mártir, celebrado nela com um culto equivalente a este conceito, e o mesmo entre os russos, moscovitas, sírios, etíopes e outras nações; a quem aplaudem os orientais com os mais altos elogios em muitos de seus panegíricos pelo heroico sacrifício que fez de sua vida ao Senhor, por seu ardente zelo em dilatar a fé e por seus portentosos milagres; segundo nos instruem vários escritores, seguiu a profissão militar, no mais florido de seus anos, sob o império de Diocleciano e Maximiano. Tinha seu quartel Demétrio em Tessalônica, cidade mais distinguida por haver sido santificada com a pregação de São Paulo que por sua grandeza, riquezas e antiguidade; e querendo naquela capital, que foi o campo de seus combates e de seus triunfos, imitar a vida e os costumes dos Apóstolos, constituiu-se pregador da fé de Jesus Cristo por meio de suas sábias exortações e de seus grandes exemplos de virtude. Seu candor, sua modéstia e afabilidade, com que se fez amável a todo o povo, preveniam os penetrantes discursos que fazia a toda classe de pessoas, logrando à custa de incessantes fadigas a conversão de inumeráveis pagãos, a quem ilustrava com a luz da verdade, tirando-os das miseráveis sombras da morte em que viviam enganados, tributando adorações sacrílegas aos ídolos, com usurpação das que deviam ao verdadeiro Deus.

Ainda que sua bela presença, o vigor de uma florescente juventude e o traje militar lhe serviam de um aspecto exterior para ocultar todas as suas boas obras aos olhos dos gentios e continuar com mais liberdade em suas louváveis empresas durante a perseguição suscitada contra os Cristãos, contudo não se ocultava em termos que parecesse tomar precauções para fugir da morte em honra da religião de Jesus Cristo, por cuja defesa desejava sacrificar sua vida. E como constavam

ao Senhor estas fervorosas ânsias de seu coração, não quis privá-lo desta ventura em prêmio de seus relevantes merecimentos.

Apresentou-se o imperador Maximiano em Tessalônica a seu regresso de Roma. Quis deixar naquela cidade, como em todas as partes por onde fez trânsito, sinais de sua natural crueldade e do ódio implacável que professava aos Cristãos. Os soldados, a quem tinha particularmente encarregada a comissão de buscá-los, homens ferozes e bárbaros do mesmo brutal temperamento que o Imperador, a pouca inquirição descobriram Demétrio, que era bem conhecido na cidade, crendo que dariam o maior gosto ao tirano em oferecer-lhe um homem que era o autor de tantas conversões dos pagãos à fé, com abandono dos néscios desígnios que adotava a gentilidade. Prendendo-o e atando-o nos termos mais indecorosos, apresentaram-no a Maximiano ao tempo em que ia ver um combate de gladiadores, o qual, por não privar-se daquela diversão bárbara em que se deleitavam os pagãos, mandou que o levassem a uma câmara dos banhos que estava junto ao anfiteatro e que o assegurassem ali até sua volta. Executou-se assim, colocando-o num lugar cheio de imundícies e de animais peçonhentos. E voltando o Imperador do espetáculo de muito mau humor por haver morrido nos funestos jogos um gladiador a quem amava muito, apenas se lhe falou do cristão Demétrio, detido por sua ordem, sem outra forma de juízo nem averiguação, mandou que a lançadas lhe tirassem a vida no mesmo lugar onde se achava; por cujo castigo conseguiu a coroa do martírio pelos anos 304, segundo a computação mais regular.

Abandonado o venerável cadáver pelos verdugos depois que lhe deram morte, sepultaram-no os Cristãos secretamente fora da cidade. Era o lugar pouco conveniente ao mérito do ilustre Mártir; mas Deus o distinguiu gloriosamente pela excelência dos muitos prodígios que se dignou operar ali em favor dos que concorriam a venerá-lo e a reclamar sua proteção. Leôncio, prefeito da Ilíria, tendo conseguido pela mediação do Santo perfeita cura de um acidente em que o desenganaram de todo remédio humano os mais hábeis facultativos, em reconhecimento de tão singular favor mandou construir sobre o túmulo de Demétrio um magnífico templo onde se lhe tributassem os mais solenes cultos. Mas crescendo de dia em dia a fama dos milagres que continuava operando a mão do Altíssimo pela intercessão de seu servo, atraiu uma multidão de fiéis de todas as partes e formou-se uma peregrinação famosa por toda a Grécia em obséquio daquele célebre sepulcro.

As histórias dos orientais referem diferentes maravilhosos prodígios que deram a merecer a São Demétrio o título de Taumaturgo e o de grande Mártir; memoráveis entre outros portentos a libertação de Tessalônica de duas pestes fatalíssimas; a do porfiado sítio que os bárbaros lhe puseram no tempo do imperador Maurício; e a assinalada vitória que o imperador Miguel IV conseguiu dos búlgaros por intercessão do Santo; tão reconhecida que muitos imperadores de Constantinopla e diversos senhores do Oriente a contestaram com a frequência de seus votos: tudo o que fez muito recomendável a devoção deste ilustre Mártir de Jesus Cristo, cujas relíquias se distribuíram por diferentes partes do orbe cristão. Diego de Aínsa Iriarte, na *História Oscense*, diz que foram trasladadas ao povoado de Loarre, do bispado de Huesca, em Aragão, onde se lhes tributa a veneração e culto correspondente.

São Veremundo, Abade

O glorioso monge e abade São Veremundo, ornamento e esplendor do mosteiro de Irache, nasceu no reino de Navarra pelos anos 1020 de Cristo. Do lugar de seu nascimento não há coisa averiguada. Uns têm por pátria sua Villatuerta e outros Arellano, povoados um e outro distantes do mosteiro de Irache como uma légua. Era Veremundo primo carnal do bispo de Calahorra Munio, um dos três que no pontificado de Alexandre II foram a Roma apresentar a liturgia e o rezo da Espanha, sendo rei de Navarra Dom Sancho García. Dizem dele que desde menino foi enobrecido por Nosso Senhor com o dom de milagres. O que se sabe de certo é que sua vida era modelo de toda virtude e que desde seus tenros anos voltou as costas ao mundo e, deixando o regalo da casa de seus pais e as muito fortes ataduras do amor paternal, retirou-se ao mosteiro de Irache. Vestiu-lhe o hábito o abade Munio, seu tio, varão de assinalada prudência, pai e modelo de muitos monges. Logo empreendeu com novo fervor o caminho da perfeição evangélica. Domava sua carne com todo gênero de asperezas, sobressaía nele um candor admirável que tinha a comunidade embevecida e atônita. Propôs-se imitar quanto pudesse a seu patriarca São Bento; era exatíssimo na guarda de sua regra, dava-se todo à oração, lia com espírito cristão as santas Escrituras, com grande desvelo ia cortando em si a ramagem viciosa dos afetos terrenos, que ainda nos grandes servos de Deus levantam a cabeça e querem afogar o fruto da santa vida. Muito nos princípios de sua profissão encomendou-lhe o Abade o cuidado da portaria, ofício de velhos e virtuosos, como deu a entender São Bernardo. Neste destino fez-se Veremundo pai dos pobres: socorria-os por quantos meios podia. Deu tão boa conta de si na portaria que em pouco tempo os monges o elegeram por seu abade. Foi isto não a princípios de setembro do ano 1043, como diz o Lecionário de Irache, mas depois do ano 1045, em que ainda o era Munio e talvez vivendo ainda este grande Prelado, pois por escrituras posteriores consta que o eram a um mesmo tempo o tio e o sobrinho.

Feito prelado de Irache, não alterou em nada a ordem de sua vida; só adiantou no fervor. Governava seus súditos como pai com a prudência da caridade. Ao exemplo acrescentava a exortação; declarava-lhes de contínuo a santa regra de São Bento, mostrando com eloquência celestial a suavidade do jugo de Cristo. Chegou a ser então esta comunidade a edificação e a admiração daquele reino. Sendo abade Veremundo, concedeu a seu mosteiro o rei Dom Sancho Ramírez aquele famoso privilégio do ano 1087, pelo qual ordena que o simples dito de um monge de Irache faça plena prova em juízo e fora dele, ainda que seja em causa própria. O qual privilégio renovou depois o rei Dom Sancho VII, chamado o Sábio, no ano 1176, sendo abade Viviano.

Esmerou-se Veremundo com especialidade no decoro do ofício divino. Cuidava de que os livros do rezo estivessem muito corrigidos e de que nada houvesse neles alheio à doutrina e disciplina da Igreja. E assim, quando Alexandre II quis dar fim ao negócio do missal e rezo da Espanha, de quatro livros que se levaram a Roma e mereceram a aprovação do Papa, os dois, isto é, o das orações e o das antífonas, eram do mosteiro de Irache, cujo abade era então nosso Santo. Por este tempo São Veremundo introduziu em seu mosteiro a observância do de Cluny. Era muito devoto de la...

Missa (oração)

Epístola

Reflexões

... homens diferentes, sempre em oposição e em guerra um com o outro: o homem velho, nascido de Adão; e o homem novo, regenerado em Jesus Cristo. O Salvador morreu para desarmar e destruir o homem velho e, por dizê-lo assim, o cravou na cruz. Se este homem velho revive em nós, recorramos ao mesmo remédio: crucifiquemo-lo; a cruz, isto é, a dor e a humilhação, seguramente o farão morrer sempre que lancemos mão dela.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

João 12,24-26

> **Latim:** 24 Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, 25 ipsum solum manet : si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. 26 Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit. Si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.

Português: 24 Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cahe na terra, não morrer, 25 fica elle só: mas se elle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdella-ha: e o que aborrece a sua vida neste mundo, conservalla-ha para a vida eterna. 26 Se alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver, estará alli tambem o que me serve. Se alguem me servir, meu Pai o honrará.

Meditação

Da doçura da virtude

Primeiro ponto

Considera que, por pouco juízo que se tenha, convém-se ainda no mesmo mundo que a virtude é amável e que a sorte de um homem de bem é feliz. Convém-se que tomou o bom partido, admira-se a tranquilidade de que goza, inveja-se sua perseverança; e não há um, ainda entrando os libertinos, que não quisesse morrer como homem de bem; mas por mais cuidado que se ponha para despojar a virtude cristã daquele gesto áspero, austero e melancólico com que muitos a figuram, por mais aprazível e agradável que seja seu rosto, forma-se sempre uma ideia espantosa dela; por mais que se demonstre que são planas todas as suas avenidas, quer-se que seus caminhos sejam fragosos e que tudo nela esteja semeado de sarças e espinhos e que em seu terreno não nasçam senão cruzes. Quando tudo isto fosse verdade, quando a virtude não habitasse senão sobre o cume dos mais altos e mais escarpados montes, quando seu ar engolisse, por dizê-lo assim, os habitantes, quando houvesse de custar muito trabalho ser homem de bem, a quem tem fé fica-lhe outro partido a tomar? Mas se a alegria, a tranquilidade e a doçura são inseparáveis da verdadeira virtude; se desde que um coração está cheio de Deus, se desde que uma alma é toda de Deus, acha tudo plano; se os espinhos que se encontram no caminho da virtude têm todos as pontas embotadas; se não picam; se certamente são mais abundantes em todo outro estado, onde sem dúvida picam muito mais; se a estreiteza do caminho deixa a todos um espaço bastante largo e cômodo; e se todos os monstros que se encontram na região da virtude não são senão uns fantasmas que é o mesmo aproximar-se deles que desaparecer: que pesar, que desespero algum dia o dessas pessoas covardes que estimam e até amam a virtude, mas que se afastam dela porque temem encontrá-la rodeada de dificuldades e não dispensando senão penas aos que a abraçam!

Segundo ponto

Considera que todas as nossas turbações, todas as nossas inquietações, todas as nossas amarguras, todos os nossos pesares, durante esta vida, não vêm senão de nossas paixões; elas são os inimigos de nosso repouso e de nossa salvação e a origem fatal de nossos desgostos. Com a prática da virtude, se as paixões não se destroem de todo ponto, ao menos se domam, o que ainda é mais agradável e mais doce. Um leão dócil, uns elefantes que pelejam por ti, que respeitam o que os amansou e que lhe servem de guarda e de defesa: eis aqui o que a virtude faz das paixões. Fica ainda uma raiz, uma libra de soberba? Serve-se dela para menosprezar o mundo; sentem-se ainda alguns movimentos de ira? Serve-se deles para exercitar com gosto contra si todos os rigores da penitência. O primeiro dom que Deus dispensa à alma é sua graça, com a qual se pode tudo: o segundo é seu amor, e o amor faz que tudo seja fácil e agradável: o terceiro é uma confiança inteira e como uma segurança de salvação, fundada sempre na bondade de Deus, da qual tem provas tão sensíveis e a qual não permite que se duvide dela; e ainda que tudo isto esteja misturado com um temor salutar, este temor em nada se altera. Considera quantos mananciais abundantes de consolos e de gozo tens na virtude. Mas que doçuras as que correm destes mananciais! A paz da alma, a tranquilidade do coração, a submissão das paixões, o doce testemunho da própria consciência. Bom Deus, que abundância de consolos não derramais na

alma de vossos servos! Adversidades, cruzes, enfermidades, reveses de fortuna, acidentes não esperados, desgraças, vós perdeis toda a vossa amargura quando encontrais com um coração puro, com um coração abrasado no amor de Deus; o pensamento da morte, a morte mesma não pode deixar de encher de gozo uma alma fiel. Oh, Senhor, e quanta verdade é que vosso jugo é suave e leve! Fazei, Senhor, que eu tenha a ventura de experimentá-lo em mim mesmo.

Jaculatórias

Que abundância de doçuras não reservais, Senhor, para os que vos temem e vos amam! Ditoso aquele que o experimenta. (Sl 30.)

Gostai e vede se há coisa que possa comparar-se com as doçuras que se acham no Senhor. Ditoso o homem que não espera senão em seu Deus. (Sl 33.)

Propósitos

1. O mundo diz que o jugo do Senhor é insuportável; mas o mesmo Jesus Cristo diz que é suave e que seus mandamentos não são difíceis de guardar: a quem havemos de crer? O mundo o diz, isto é, os que não sabem coisa alguma sobre este ponto; mas todos os que o experimentaram dizem o contrário. O mundo diz que não há senão gozo, doçuras, consolos no mundo; mas nisto diz a verdade? Traslado às gentes do mundo. Afirma-te bem hoje nestas importantes verdades, tão confirmadas pela experiência; e se tu não as experimentas em ti mesmo, crê que tua pouca virtude tem a culpa.

2. Não negues a Deus coisa alguma. A fidelidade nas coisas mais pequenas abre, por dizê-lo assim, a porta a todas essas delícias espirituais. Jamais fales da virtude que não seja neste tom. O pensamento do céu e da eternidade são de grande socorro para senti-las, ainda quando a alma padece as maiores securas. Não busques as doçuras no serviço de Deus, porque isto seria deter sua corrente e até fazer secar a fonte. Não sirvas a Deus senão por amor de Deus e porque merece que o sirvas.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:15 by Admin